

O novo grande irmão

Por Gislaine Buosi

Para discorrer sobre a manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet é preciso, de antemão, admitir que George Orwell teria, hoje, matéria-prima para a construção de “2018”, ou, pelo menos, de outro capítulo de 1984 – a síntese da fina criticidade a respeito da distopia social de que ainda somos participantes. Sem dúvida, essa lamentável manipulação, há anos profetizada pela ficção – e agora vivenciada na realidade – deve ser compreendida por dois aspectos diferentes e correlatos entre si: o fácil e ilimitado acesso às redes sociais por grande parte da população (o que fomenta a engrenagem capital), e a intenção dos gigantes da internet em pensar por quem não quer ou não sabe pensar. É tempo de poder público e sociedade debruçarem-se nessa questão, sob pena de retrocessos político-culturais irreparáveis.

Nesse sentido, a cada dia, o homem tem se tornado mais dependente da tecnologia. Isso acontece devido à facilidade e à rapidez com que se acessam as redes sociais, que já abriram caminho para a 4.^a Revolução Industrial, cujo aparato tecnológico conta com dispositivos eficientes para simular e influenciar o raciocínio humano – o que equivale a dizer que a Inteligência Artificial interfere no pensamento, nas decisões e, inevitavelmente, no consumo de bens e serviços do usuário da internet. Prova disso é que, ao consultar o preço de um par de tênis, logo, variados modelos, tamanhos, cores e preços avolumam-se na telinha do computador ou do smartphone. Eis, assim, o maior departamento de propaganda, marketing, venda e pós-venda do mercado virtual.

Não fosse o bastante, por meio da análise de postagens na rede, a Inteligência Artificial também é capaz de traçar o perfil intelectual do internauta, e de cruzar informações que afetam o entendimento daquele que, por preguiça de ler algo mais seleta, fica totalmente à mercê de apelos sorrateiros pré-fabricados para manipular X, a fim de que vote em Y e manifeste-se contra Z. Afinal, os recentes processos eleitorais, no Brasil, nos Estados Unidos e em tantas outras partes do mundo, comprovam que as redes sociais foram determinantes para o resultado de eleições presidenciais.

Portanto, é preciso resistir à manipulação comportamental do usuário pelo controle de dados da internet. Ao Estado, exatamente ao Ministério da Educação, por meio de revisões da grade curricular obrigatória, cabe selecionar a leitura e análise não apenas os tipos narrativos literários – como tem acontecido até agora, mas também os tipos dissertativos-instrucionais, aí inclusos os gêneros publicitários, a fim de que os jovens conheçam os riscos a que estão expostos na rede, despertando-lhes a atenção e o senso crítico para os movimentos de persuasão tão comuns na internet. Desse modo, a sociedade ficará menos suscetível às manobras ideológicas e mercadológicas do Grande Irmão, sempre disponíveis nas telinhas, em tempo integral, para toda a família.

Análise da estrutura dissertativa:

Apresentação do tema;

Síntese do primeiro argumento;

Síntese do segundo argumento;

Tese;

Desenvolvimento do primeiro argumento;

Desenvolvimento do segundo argumento;

Proposta de intervenção.

